

A COLONIZAÇÃO E A DESCOLONIZAÇÃO DA LITERATURA – O EXEMPLO DO CARIBE (francês)

Wolfgang Bader

DAAD – Coordenação Regional

1. INTRODUÇÃO

“Vejo só grãos de areia entre a Europa e a América”, disse o General de Gaulle nos anos sessenta, por ocasião de uma viagem pela América, formulando a concepção européia reinante a respeito do Caribe. Como chefe de estado francês, ele se referia particularmente aos três departamentos caribianos franceses: 1) A Ilha da Martinica (330.000 habitantes, mais de 90% de cor), 3) o Território da Guiana (73.000 habitantes, constando de gente de cor, asiáticos, índios, e uma minoria branca). Esses três territórios têm em comum o fato de sofrerem hoje com uma história que sempre foi história de sofrimento para a maioria da população. Com a colonização definitiva em 1635, começa um processo histórico que transforma os territórios caribianos num laboratório do colonialismo, e que hoje deve ser encarado como raro exemplo, na história mundial, de uma “colonização completa”. A sociedade caribiana é puro resultado da colonização, não há mais resquícios pré-coloniais, o genocídio dos primitivos habitantes índios foi total. Por isso, nenhuma das raças e culturas hoje estabelecidas no Caribe pode reivindicar, mais que outra, o direito de cidadania: todas são transplantadas. Portanto, quem hoje pretender estudar os mecanismos de colonização e descolonização, procure esses reduzidos espaços onde tais mecanismos se evidenciam, claros e nítidos como num laboratório.

Letras de Hoje 19(2): 96-122, jun. 1986.

Como, nesse universo, situar a literatura? Partir de afirmações da teoria literária e da metodologia européia? Já estamos em meio a uma polêmica caribiana que recusa exatamente essa importação de métodos de fora. A literatura do Caribe é provocadora. Nela, fracassam os princípios operacionais de descrição literária histórica comum. Uma seqüência regular de épocas que nos são familiares, como Classicismo, Romantismo, Realismo, etc., não existe, tudo se submete à permanência de relações coloniais. Essas relações reduzem consideravelmente a dinâmica histórica, e fazem a história cristalizar-se tendenciosamente numa forma “fria” (Lévi-Strauss). O saldo cronológico é canalizado num duplo ritmo: para dentro, o maniqueísmo dominador entre colonizador e colonizado, com a dinâmica própria resultante disso; para fora, a dependência generalizada em relação à Metrópole e suas evoluções históricas. Nas histórias literárias periféricas, a situação colonial provê globalmente o sentido da produção literária, em geral até bem depois da independência das colônias. Os territórios caribianos franceses nunca conseguiram uma ruptura radical, no sentido de uma descolonização, apesar do engajamento dos intelectuais que, desde os anos trinta deste século, reformularam o universo literário do Caribe com suas exigências anticolonialistas.

Desenvolvem-se modelos descritivos para a própria literatura. Frantz Fanon, da Martinica, que depois da publicação de obras fundamentais e de seu engajamento na guerra de libertação algeriana, bem como no movimento panafricano¹, é considerado clássico do anticolonialismo, analisa a evolução do autor colonizado em três fases: na primeira fase, os autores assimilam totalmente a cultura colonial dominante, e escrevem exatamente como seus colegas da Metrópole; na segunda fase, os autores despertam bruscamente, lembram-se de sua origem autêntica. isto é, não-européia, e enraízam-se em tradições autóctones, bem como em visões de mundo alternativa; na terceira fase, o autor assume a função revolucionária de um conscientizador do povo, e apóia a luta de libertação revolucionária, já iniciada, com uma literatura combativa, revolucionária e nacional².

A visão genética de Fanon complementa-se numa visão estru-

tural abrangente, que transporta para seu conceito literário a totalidade da situação (colonial) caribiana. Esse modelo trabalha com as personagens conceptualizadas da peça shakesperiana "A Tempestade" (1610/1611) e articula a literatura caribiana como a apresenta, por exemplo, René Despestre do Haiti, num triângulo entre o "assimilacionisme prospérien", o "esthéticisme aérien d'Ariel" e o "calibanisme intellectuel antillais"³. Mas antes que o *Próspero* de Shakespeare fosse reconhecível como senhor colonial branco, *Ariel* como o colonizado assimilado, e *Caliban* como o colonizado revoltado, a peça precisou ser liberada de sua interpretação europeia tradicional. Os europeus liam "A Tempestade" sempre como uma alegoria da vida ou do ser humano, e identificavam-se sem reservas com Próspero, que lhes aparecia como ideal. A explosão literária do Caribe, com depois da Segunda Guerra Mundial, refletiu-se numa nova leitura da "Tempestade", que se articula subversivamente contra a interpretação europeia. Muitos autores contemporâneos do Caribe escreveram alguma vez sobre essa peça de Shakespeare, tomando o conteúdo ao pé da letra: vêem na peça uma dramatização de sua situação colonial, e identificam-se com Caliban. Aimé Césaire da Martinica dramatizou coerentemente essa nova leitura caribiana sob o título "Une Tempête" como "adaptation pour un Théâtre nègre"⁴. Com isso ele fornece ao mesmo tempo uma chave para a autocompreensão da história literária do Caribe.

Sigo as afirmações dramáticas de Césaire, e oriento minha apresentação da história literária caribiana segundo a consciência da história literária dos próprios autores do Caribe. Com isso deve-se elaborar ao mesmo tempo um modelo para uma história literária periférica, que se desenvolve em relações estruturais e genéticas totalmente diferentes do que estamos habituados a ver nos manuais de história literária correntes: o espaço da periferia extra-europeia é primeiramente fixado na consciência de seu centro europeu, e ali monopolizado; o discurso do centro europeu é então re-exportado paulatinamente para seu ponto de partida periférico, e lá assimilado pelas elites, o que equivale a uma alienação, depois surge uma ruptura, que denuncia a própria (falsa) assimilação, e enraíza a própria (correta) autenticidade numa visão de mundo

alternativa, africana; até que, por fim, a literatura atual acontece num projeto caribiano genuíno e procura seu centro como literatura caribiana, no contexto caribiano mesmo.

2. NASCIMENTO LITERÁRIO DO CARIBE

No século 17 a França consegue conquistas isoladas contra uma Espanha enfraquecida, na Guiana (1604), São Cristóvão (1625), Martinica/Guadalupe (1635) e São Domingos (1656), que depois são sistematicamente ordenadas pela política econômica mercantilista de Colbert. As novas propriedades são inseridas nos domínios sob jurisdição real, e organizadas para finalidade de exploração intensiva, com ajuda do sistema de plantações. Surge uma economia dirigida exclusivamente para as necessidades da Metrópole — com os efeitos correspondentes: exploração monocultural do solo; extermínio da população nativa, dos caríbas; sistema de escravatura, nutrido da introdução em massa de escravos africanos; divisão cultural em uma cultura provincial europeia, e uma problemática cultura negra sob o trauma do rapto e afastamento violento do próprio país, a opressão, o "créole" como linguagem compromissada oral de evolução lenta, etc.; fantásticos lucros de parte dos donos de plantações e da burguesia comercial francesa engajada no comércio triangular, diante da miséria de uma maioria negra que cresce desmedidamente. Nasceu a estrutura do Centro e da Periferia, condenando o Caribe à passividade secular: ele é descoberto, é despovoado, depois repovoado, é dominado, é explorado.

A literatura prolonga essa estrutura dada, enchendo-a com informações e justificativas. Tomando como modelo descritivo a "história natural e moral", elaborada pelos descobridores, conquistadores e missionários espanhóis, os cronistas franceses anexam o Caribe ao reino do saber metropolitano e das exigências metropolitanas. Com isso fornecem conhecimentos decisivos para que se execute com sucesso a expansão colonial: descreve-se amplamente a instalação dos franceses; a geografia, o clima, os minerais,

a fauna e flora dos novos territórios, são apresentados de maneira minuciosa e enciclopédica, a nova população, a introduzida bem como a antiga, são estudadas do ponto de vista antropológico — e tudo isso é depois aproveitado para servir à ambição dos colonizadores. Assim como Colombo, admirando as árvores tropicais, imaginava suas vantagens como madeira de navios, e, descrevendo a população, já os via como bons e submissos súditos cristãos⁵, assim também os missionários franceses P. Jaques Bouton, P. Raymond Breton, P. Jean-Baptiste du Tertre, P. Jean-Baptiste Labat, etc. lançaram seu olhar sobre a realidade caribiana⁶. Também eles não esquecem de acrescentar à superlativa descrição do rico e do maravilhoso em-si caribiano, o interesse para-nós, do ponto de vista das mercadorias úteis e das possibilidades de dominação: assim Bouton, falando da descoberta de uma salina na Martinica, acrescenta imediatamente: “. . . si elle estoit accommodée, ce qu'on pourroit faire fort aisément, à peu de fraiz, porteroit des grandes commoditez; d'autant qu'outre la fourmiture des habitans, il y auroit du sel pour traiter avec les étrangers;”⁷ Rochefort destina as árvores cientificamente identificadas à aplicação em alimento, construção, Medicina,⁸ também aparece cada vez mais uma planta que em breve seria a maior fonte de renda do Caribe, a cana-de-açúcar. Da identificação da planta até o aproveitamento do produto final, os modelos descritivos dos autores se parecem, e somam-se numa linha de crescente interesse. Enquanto os primeiros relatos de Bouton e Breton ainda se detêm com relativa superficialidade numa descrição linear, formulando quando muito algumas perspectivas de futuro,⁹ Du Tertre, num capítulo mais longo, já elabora algumas idéias precisas sobre cultivo e aproveitamento da planta, até a construção de um engenho de açúcar;¹⁰ Labat vai mais longe, trabalha o tema num tratado de mais de cem páginas, “Du Sucre et de tout ce qui regar de sa fabrique et ses différentes espèces”,¹¹ dando uma visão abrangente, ricamente ilustrada, de toda a indústria açucareira, com descrições detalhadas das diversas espécies de plantas e cultivo, as máquinas necessárias, construções, forças de trabalho, investimentos, etc.

O discurso da história natural, visando a uma práxis econômica, encontra seu correspondente na história moral. Assim como os autores preparam a natureza para ser explorada, e subsumem os produtos naturais como mercadorias, do ponto de vista de sua utilização, assim transformam as pessoas em súditos a serem convertidos, dominados e explorados. Os nativos do Caribe tornam-se então “nos sauvages”, ou “nos Caraibes”,¹² às vezes com traços muito simpáticos, mas sem lugar no universo colonial iniciante, pois não podem ser usados nem como cristãos confiáveis, nem como forças de trabalho capazes de suportar maiores cargas. O fato de que Bouton já em 1.640 pudesse formular que as ilhas “ainda estão povoadas pelos caraíbas”,¹³ era tanto um sinal de desânimo missionário como previsão inconsciente de uma evolução real que levaria, em apenas cem anos, ao extermínio dos caraíbas, e à introdução em massa de escravos africanos. É como “nos nègres”¹⁴ que estes aparecem no fim de uma escala antropológica negativa: com as práticas religiosas de bruxaria, as marcas de feiúria corporal, qualidades de caráter de burrice, brutalidade, insensibilidade etc, os autores estabelecem marcas de uma maldição racial, abrandada apenas por um único traço positivo, a inclinação negra para danças e festas culminando com a legitimação de uma escravidão desejada por Deus. A tarefa missionária da Igreja não parecia contrariar essa “pintura em negro”, pois muitos autores revelam abertamente seu envolvimento com a escravatura, e até o relatam como, por exemplo, Labat, que mandava castigar dolorosamente seus escravos negros.¹⁵

Os antigos relatos de viagem visavam à participação nos empreendimentos coloniais, por isso vinham ao encontro da propaganda colonial. Muito cedo começa a fixar-se uma imagem segundo a qual o Caribe era uma das mais conhecidas regiões exóticas. “Les Indes de Rêves” diria Edouard Glissant mais tarde falando dessa imagem, que divulgava o território caribiano como paraíso terrestre: “On peut bien appeler paradis un lieu délicieux où est un été perpétuel, toujours la verdure aux champs, les fleurs et les fruits aux arbres qui sont toujours en sève. . .”¹⁶, formulava por volta de 1640 Pacifique de Provins um sonho desde então transmiti-

do e elaborado com plenitude superlativa de grande efeito no público. Só depois de Labat o tom começa a mudar em vários textos, num discurso mais econômico e ideológico, que, pelo fim do século 18, com Raynal, por exemplo, também crítica a deformação colonialista do Caribe.

Um fato constante permanece, porém, até o fim do século 18: o nascimento literário do Caribe dá-se quase exclusivamente por viajantes franceses, que se demoram por tempo mais ou menos longo nos territórios correspondentes, ou por autores franceses, por exemplo, Rochefort, Prevost, Mercier, Diderot, Raynal, etc., que nunca visitaram o Caribe, mas o manipulam como elemento literário, argumentativo ou decorativo. A estrutura do Centro e da Periferia se realiza assim também literariamente, o local discursivo "Caribe" fica monopolizado na consciência da opinião pública literária da França (e Europa). Desde então o Caribe é ocupado de fora, literariamente. Os textos dos viajantes missionários, encarados do ponto de vista global, agem como momento inaugural que dá à luz para o mundo, designando-a, uma nova região, mas, ao mesmo tempo, do ponto de vista caribiano, cometem um roubo que separa no espaço caribiano o fato natural (o mundo insular) do fato cultural (o discurso a respeito dele), e impõe como designação, séculos a fio, unicamente a metropolitana. Cada novo trabalho de designação — só no século 20 se chega a isso — precisa abrir caminho mordendo, quase canibalescamente, o "discurso de ocupação" existente; daí explica-se que para os autores caribianos contemporâneos os cronistas antigos sejam tão atuais, e que só diante desse pano de fundo se torne compreensível a literatura caribiana passada e presente.

Os autores da camada dominante branca crioula estabelecida no Caribe, que tem o monopólio da escrita até boa parte do século 19, no começo fogem de sua pátria. Faz parte do modelo geral dos crioulos brancos educar os filhos na França e, de outro lado, ignorar o subdesenvolvimento cultural local assim produzido. O lugar aparentemente não se organiza culturalmente, mas, primeiro, só em torno da práxis econômica. As biografias das primeiras gerações de escritores dos territórios do Caribe assemelham-se forte-

mente entre si: os autores muito cedo se instalam permanentemente na França, inscrevem-se imitativamente nas torrentes literárias lá reinantes, e apagam qualquer recordação literária da pátria caribiana. As obras de Pierre de Boulogne, como por exemplo "Poésies Diverses" (1746), de Etienne-Joseph Delrieu, como por exemplo "Le jaloux malgré lui" (1773), e "Artaxerce" (1808), de Charles Joseph Loeillard, como por exemplo "Jeanne d'Arc de Rouen" (1819) etc., todas bastante medíocres esteticamente, de pouco sucesso público e praticamente esquecidas na história da literatura, comprovam, já pela escolha do tema, que o Caribe não tem ainda existência literária própria na consciência dos autores naturais de lá. A Periferia anula-se literariamente e vai-se diluindo no Centro. Até um autor como Nicolas Germain Léonard, que volta a Guadalupe duas vezes, e elabora, na sua "Lettre sur un voyage aux Antilles" (1783) efêmeras memórias, permanece superficial, fora da realidade caribiana. Oscilando entre a exaltação das ilhas felizes povoadas de ninfas, e as lamentações sobre a sina dos escravos, na verdade ele, só toma pé firme na França: "J'ai revu le ciel de la France/Et tous mes maux sont oubliés."¹⁷ A França permanece o ponto de referência absoluto dos escritores crioulos. Isso também vale para os poucos autores mulatos até o meio do século 19, como por exemplo Privat d'Anglemon, que com sua confissão atinge o tom literário crioulo geral: "J'ai planté ma tente sur les bords de la Seine, je veux mourir au milieu de ce peuple que j'aime tant."¹⁸

3. LITERATURA DA CAMADA DOMINANTE CRIOULA BRANCA, OU: PRETENSÃO DE PRÓSPERO.

No curso da Revolução Francesa, as relações franco-caribianas bem como as condições sociais ficaram bastante confusas no Caribe, durante breve tempo. Depois de muitas controvérsias públicas, o partido anti-escravagista e negrófilo conseguiu impor no Convento a (passageira) eliminação da escravatura (1794) — contra a encarniçada resistência da camada de plantadores brancos, que viam sua posição ameaçada. A evolução histórica lhes deu

razão: liderados pelos ex-escravos Toussaint-Louverture, Christophe, Dessalines, etc., os escravos em São Domingos realizaram uma exitosa luta de libertação contra os senhores de escravos e as tropas napoleônicas, e em 1804 proclamaram a independência do Estado do Haiti; na Martinica, os donos de plantações conseguem burlar o decreto de libertação dos escravos, preferindo entregar provisoriamente a ilha à Inglaterra, que colonialmente era sua concorrente, mas como senhora de escravos tinha as mesmas inclinações; em Guadalupe, o emissário do Convento Victor Hugues impõe a libertação dos escravos, golpe total apoiado na guilhotina, contra plantadores e aliados ingleses, fazendo com o que mais tarde se realizasse lá uma duríssima resistência contra a restauração da escravatura sob Napoleão (1802), terminando com a morte de mártir das tropas negras sob Delgrès, na Guiana, o mesmo Victor Hugues, desta vez como emissário napoleônico, também reconstitui a escravatura depois de brigas semelhantes.

A ordem colonial estava abalada, tornara-se visível a possibilidade de uma evolução histórica semelhante, exigindo definições da literatura. O "universo de Tempestade" literário surge na própria Periferia, e estabelece uma univocidade social que estende a estrutura entre Centro e Periferia no maniqueísmo de uma hierarquia interna. A maioria negra até fim do século 19 é muda, vive excluída das precárias possibilidades de educação local, exclusivamente com suas tradições orais. Literatura caribiana, isto é, literatura escrita por autores caribianos, sobre assuntos caribianos, é, até o século 20, uma "literatura branca", embora seus autores sejam às vezes de cor.

A primeira edição dessa literatura caribiana branca forma-se no começo do século 19, sob o olhar do senhor de escravos, Próspero, que desejaria deter, ou, se possível, reverter, a evolução histórica. Culturalmente, esses autores se identificam com a França, embora reconheçam sua origem caribiana; socialmente, ligam sua identidade à existência da classe dominante, cujas contradições por vezes reconhecem, mas nunca a ponto de terem exigências de autonomia. Continuam inventariando a realidade caribiana no sentido metropolitano, celebram exoticamente a natureza tropical no contexto do mito paradisíaco, defendem a ordem reinante,

guardam o inventário com que a antropologia colonialista descreve os negros, e, pelo fim do século 19, cantam de maneira masoquista uma classe decadente. Como claros exemplos dessa literatura Béké (Béké chama-se à camada de brancos donos de plantações), citam-se aqui os dois primeiros romances caribianos que, depois da Revolução Francesa, fazem valer literariamente os ambientes diversos de Martinica e Guadalupe sob o prisma de Próspero.

Auguste Prevost de Sansac, Conde de Traversay, defendeu, em seu romance *Les amours de Zémédare e Carina* (1806) um colonialismo divertido, na tradição dos Békés da Martinica, que escapavam das confusões da Revolução traindo os ingleses, e ainda julgavam segura a sua posição de proprietários. Num cenário caribiano detalhadamente inventariado — o subtítulo do romance é *Description de l'île de la Martinique* — ele situa uma melodramática história de amor à la Bernardin de Saint-Pierre, cuja elaboração textual carrega com uma mensagem ideológica precisa sobre a situação de *ser e dever-ser* dos grupos sociais da Martinica: *negros* bárbaros, que descambam para a animalidade, na medida em que eles não aceitam o regime escravagista alegre tornando-os tão felizes, que até deviam ser invejados pelos proletários europeus, *mulatos*, ameaçados igualmente, cuja quantidade de sangue branco, porém, os deveria preservar de uma experiência semelhante à do Haiti, e que se deveriam colocar ao lado dos brancos, desejosos de assimilarem-se a eles; só *senhores de escravos humanitários* representando um sagrado código de valores, que deve ser defendido contra tendências abolicionistas e negrófilas, pois: "Le maître inhumain... il n'en existe point parmi les hommes blancs, à la Martinique, vu avec horreur para tous, on le forcerait bientôt à sortir de l'île."¹⁸

Da realidade de Guadalupe, que era diferente, onerada por disputas militantes em torno da eliminação e restauração da escravatura, J. Coussin tece seu romance *Eugène de Cerceil ou les Caraïbes* (1824). Sua tendência para uma elaboração pitoresca

das belezas da natureza, segundo o romantismo então iniciante, opera com ornamentos isolados da visão exótica, ignorando a rude realidade da ilha, em favor de uma fuga no idílio ingênuo de um amor romântico entre um jovem branco e uma beldade caraíba; surge uma imagem nostálgica, na qual o adiantamento do tempo também escamoteia a maioria negra de escravos.

O olhar literário de Próspero desses autores Béké move-se retoricamente na planura da rejeição de culpa, e oscila o tempo todo entre a negação das óbvias realidades sociais e superdeterminação dessas realidades pela sua legitimação obsessiva: de um lado o idílio exótico, de outro o manifesto dos senhores de escravos, que certamente encontra seus tons mais cortantes em *La parole de Jehovah* (1836) de Pririé Saint-Aurèle, com a maldição da raça negra, apoiada na Bíblia. A evidência ideológica dessas posições com sua poética emprestada da metrópole, condena essas obras a uma mediocridade estética, e seus produtores a um "Certain ar provincial", o que se tornou claro particularmente no campo da África. Os autores crioulos não tinham nada de original a oferecer ao público francês, e deixavam quando muito perguntas retóricas, como por exemplo essa de Baudelaire: "Je me suis souvent demandé, sans pouvoir me répondre, pourquoi les créoles n'apportaient, en général, dans les travaux littéraires, aucune originalité, aucune force de conception ou d'expression. Ou dirait des âmes de femmes, faites uniquement pour contempler et pour jouir".²⁰ Aqui se formula a antecipação de um destino histórico: a concorrência da beterraba francesa, os efeitos periféricos da transformação capitalista na economia metropolitana, a libertação de escravos de 1948, com a ascensão subsequente de uma classe média de cor, e mais tarde, em 1902, a catástrofe vulcânica de Saint Pierre (Martinica), que vitimou grande parte da aristocracia e elite intelectual local, causaram um enfraquecimento econômico e social decisivo dos Békés. Os poemas do prêmio Nobel Saint-John-Perse, de Guadalupe, revelam mais uma vez o universo crioulo e seus heróicos antepassados conquistadores num brilho de canto-do-cisne de uma passada grandeza (sonhada), mas o tom geral já antes disso torna-se cada vez mais pessimista. Os romances

de Rosemond de Beauvallon *Hier. Aujourd'hui! Demain! ou les Agonies créoles* (1885), e *La Charmeuse* (1885), articulam, depois de um dolorido olhar sobre o dourado ontem, um hoje muito sombrio: "Une lourde atmosphère d'ennui s'est étendue sur les colonies depuis l'établissement de la République. (...) Les créoles débordaient autrefois de vitalité et de pétulance, ils se plaisaient et riaient tout le jour, et maintenant ils sont souvent sombres et silencieux."²¹

4. O REGIONALISMO DE PELE NEUTRA, OU: A ESTÉTICA ETÉREA DE ARIEL

Em meados do século 19, as relações periféricas de dependência e dominação produzem uma ruptura na história literária das colônias francesas do Caribe. A sociedade crioula volta-se cada vez mais do feudalismo dos plantadores para a era burguesa-industrial que possibilita a ascensão econômica e social de uma elite de cor. Um dos momentos decisivos dessa ascensão foi, desde 1848, a possibilidade de acesso às instituições de ensino, o que se intensificou com os programas de educação na Terceira República, ajudando essa camada social a obter uma formação francesa clássica, que incluía a literatura. Ao lado de seu anti-racismo egocêntrico, sua postura social fortemente conservadora, e seu sutil desprezo pelo proletariado negro, esse grupo é marcado por um constante esforço por obter reconhecimento do reino dos dominantes, isto é, adotando normas brancas, bem como uma estratégia totalmente interiorizada de assimilação, para identificar-se com a França; ou, formulando-se como versão local: um esforço, legitimado sob os auspícios da solidariedade social, de reunir-se com o seu correspondente branco.

A ânsia de assimilação dos homens de cor reflete-se num discurso textualmente in-color, que nega sua origem racial, e praticamente se equipara com seu equivalente branco. Soou a hora literária de Ariel e sua estética etérea. Ela introduz a fase assimilada, que Fanon chamou primeira fase do autor colonizado, que tem seu auge caribiano no fim do século 19 aos anos 30 do século vinte.

Característico desse tempo é um contexto de comunicação relativamente abrangente e homogêneo que baseia-se num consenso, primeiro, sobre a relação com a França, e, segundo, sobre a imagem literária do Caribe.

Externamente, a literatura se concentra num regionalismo francês interno, isto é, harmoniza a determinação colonial das relações entre Centro e Periferia de tal modo que a periferia caribiana, agora região equiparada de uma nacionalidade mais abrangente, se possa definir mais ou menos como a Bretanha ou a Provença, e colaborar para a grandeza nacional. Os autores consideram-se franceses de origem caribiana. Como franceses, demonstram um patriotismo entusiástico, de um zelo quase excessivo em tempos de disputas armadas, como comprova, por exemplo, Eugène Agricole, que louva poeticamente a convocação de seus conterrâneos da Martinica para a expedição francesa ao México ou T. Titi, que sonha com o sentimento nacional francês na Martinica, ou ainda Antoine de Gentille, que celebra entusiasmado sua convocação para a Primeira Guerra Mundial.

Os autores introduzem o elemento caribiano através do desvio pelo cenário literário francês. Fogem da proximidade objetiva para um Caribe descrito do ponto de vista de um distanciamento subjetivo, de um olhar de fora, submetem seu fazer literário às formas poéticas francesas, e procuram cumprir as expectativas francesas. Querem escrever como Baudelaire, Lamartine, Musset, Hugo, etc. Muitas vezes o enfoque é conscientemente imitativo, como Oruno Lara de Guadalupe reconhece de boa-vontade, numa postura de iniciante: "Débutants malhabiles, élèves hésitants qui devons-nous imiter, sinon l'élite des lettrés de France, dans leurs grandes oeuvres officiellement couronnés."²² Do solo da sua firme ligação com o Caribe, num programa literário da pesquisa de sua própria história, geografia, cultura etc., expondo-a aos olhos alheios. "Nous connaître, nous-mêmes et nous faire connaître des autres",²³ é o lema regionalista que fez surgir uma variedade de analogias, autodescrições e apresentações em exposições coloniais, etc. O Caribe torna-se ativo, pesquisa a si mesmo, descreve-se, faz literatura sobre si próprio, e torna-se presença literária em sua própria consciência. Mas a recuperação do discurso antes roubado

é só aparente, pois não se apropriam dele canibalisticamente, apenas empregam-no sobre uma realidade tornada exótica.

Internamente a literatura concentra-se no mito das ilhas felizes. Harmoniza as relações sociais, folcloriza os grupos sociais, encena com sucesso o encanto de cartão-postal da natureza tropical, do céu azul, do mar claro, e celebra, especialmente, o charme erótico da mulher de cor, a "doudou": literatura de concessão, literatura de ilusão, literatura de euforia, "Littérature Doudouiste". Corzani, pioneiro da descrição de história literária da Martinica, Guadalupe e Guiana, explica essa literatura da seguinte maneira: "Elle est l'expression de cette société créole métissée où Blancs, Noirs et Mulâtres paraissent coexister sans problèmes dans un univers gracieux de cocotiers e bananiers, au rythme enchanteur des chants et des danses de cru. Elle est le fruit d'une illusion que tous les partis en présence veulent maintenir..."²⁴ Sob esse augúrio exclui-se um procedimento literário realista e problematizante. Os autores preferem a transfiguração na forma de romance histórico ou poesia. Transfiguração da história na visão histórica dos heróis da sociedade colonial, paralelamente com transfiguração das relações raciais na consciência de um espírito francês comum, como, por exemplo, no mulato Victor Duquesnay e seu egoísta emprego da mistura de heróis no poema "Pour la France", que se refere a um episódio da guerra de 1762:

... Défenseurs acharnés du sol martiniquais,
Noirs et blancs confondus dans une même gloire,
Soyez bénis, ô fiers pionniers des jours mauvais
Qui fixe une date aux pages de l'Histoire.

Héros, vous avez fait des Français! Votre sang,
Depuis lors, s'est mêlé, sous le vent des mitrailles,
Au vieux sang des Gaulois; et vos fils, dans le sang
Sous les mêmes drapeaux ont couru les batailles.²⁵

Transfiguração do mundo exterior em jardim paradisíaco, como por exemplo em Daniel Thaly, o líder da poesia regionalista, em seu poema "Chant de l'Île":

Je suis belle; je suis le royaume des palmes.
Des oiseaux merveilleux exaltent mes forêts;
Et la nuit sur mes monts aux pitons violets,
Des constellations scintillent les feux calmes

Je suis fraîche; je suis l'éden aux vertes eaux.
Mille torrents sur moi déroulent leurs cascades
Et les vents alizés, troubadours de mes rades,
De leur souffle embaumé caressent les vaisseaux. . .

Je suis un paradis de verdure sur l'onde,
Les grands poissons autour de moi mènent leur ronde.
Coume Vénus, je suis fille de la mer!²⁶

Transfiguração da mulher de cor no sentido de expectativas
eróticas, como no hino "Madinina", de Duquesnay:

J'aime, ô mon beau pays, les belles indolentes,
Ces filles à peau d'ambre, aux caresses brûlantes, (. . .)

J'aime, autour du tam-tam, la capresse attifée,
Qui, de chants se grisant, la tête surchauffée,
Lance son refrain impulsif
En dansant sur 'la Place',
Les seins bondissants, le pied vif,
Rayonnante de grâce
Et le geste lascif."²⁷

Transfiguração da fauna e flora, dos "heróis" caribianos
brancos como p. ex. Colombo, Labat, Joséphine, da mãe-pátria
francesa e sua cultura, etc. podiam ser anexados sem esforço
maior. Os autores lutavam por não romper o encantamento de
seu momentâneo sonho, por isso a situação real da maioria negra
da população está excluída desse universo literário. Uma estratégia
de não-olhar orienta o projeto literário, que só muito laboriosa-
mente consegue questionar a própria identidade. Oruna Lara colo-

ca a questão ainda inteiramente na perspectiva de uma postura re-
gionalista: "Nous vivons, nous nous inspirons des oeuvres françai-
ses, nous avons la culture française; tout de nous, nos pensées,
nos gestes, nos espoirs sont français. Comment, dans cette assimila-
tion de notre être dans la civilisation française, conserve notre
caractère propre?"²⁸ Só nos anos trinta viu-se que a indagação
correta pela identidade fora enfocada de maneira falsa naquela
formulação.

5. LITERATURA DE DENÚNCIA, OU CALIBAN ROMPE COM A TRADIÇÃO

Os anos vinte e trinta deste século testemunham uma explo-
são radical em todo o Caribe: uma conscientização racial, de clas-
ses e nacionalidade, abala cada vez mais o estatuto colonial e neo-
colonial, e põe em andamento processos de emancipação cuja
origem, intensidade e conteúdo variam de ilha para ilha, mas cuja
orientação é mais ou menos a mesma em toda a região. Para as
colônias francesas do Caribe, com seu caráter tradicional fortemen-
te assimilado, a ruptura se efetua principalmente como produto
de um encontro intelectual na própria metrópole. Lá, desde a
Primeira Guerra Mundial, estabelecera-se uma conjuntura antico-
lonialista, que se intensificava lentamente, que perfurava, no
próprio centro do reino colonial, a legitimação desse centro,
criando contrapesos: os primeiros esforços, bastante tímidos,
da esquerda unida aos militantes das colônias, levaram à organiza-
ções como "Ligue Universelle de la Race Noire" (1924ss), a con-
gressos panafricanos bem como a uma série de revistas militantes
como "La Race Nègre" (1927ss), "Le Cri des Nègres" (1931ss);
intelectuais como Aragon, Eluard, Breton e Nizan, revistas como
"Europe" e "Esprit", engajavam-se contra o colonialismo; o inte-
resse etnológico pela África cresceu e atingiu a Vanguarda Literá-
ria.

Surge um potencial militante na Metrópole, no qual partici-
pam também intelectuais negros de todas as partes do reino co-
lonial. Os intelectuais caribianos, num retrospecto avaliam seu en-
contro com os africanos na atmosfera parisiense militante como
decisivo, pois ajuda-os a se conscientizarem de suas próprias

raízes, isto é, as raízes africanas, e determinam agora, ao longo dessas raízes, as linhas-mestras de seus projetos intelectuais. Por isso, não é acaso que jovens autores caribianos, Etienne Léro, René Ménil, Aimé Césaire, Léon-Gontran Damas e outros, executassem a partir de Paris a ruptura com a assimilação.

Um primeiro manifesto radical dessa ruptura é constituído pelo primeiro e único número da revista "Légitime Défense" de 1932, que modificaria de maneira duradoura as perspectivas literárias. Com base no materialismo histórico, surrealismo e psicanálise freudiana, os colaboradores da revista proclamam a traição feita contra sua classe de origem, a burguesia negra: "... nous entendons, traître à cette classe, aller aussi loin que possible dans la voie de la trahison."²⁹ Inclui-se nisso a traição contra a literatura assimilada dos autores caribianos de cor, denunciados como "poètes de caricature", como uma "Hypocrisie objective, inconsciente"³⁰ Como perspectiva positiva, os autores elaboram a profissão de fé em seu próprio povo, que soa, num excerto impresso do romance americano negro de Claude Mac Kay, *Banjo* (1929), quase como uma — tarde concretizada — instrução de trabalho literário; o negro americano Ray diz a um estudante negro da Martinica: "Vous êtes une bande perdue, vous les noirs instruits et vous ne pourrez jamais vous retrouver que dans le retour aux profondeurs de votre peuple".³¹ O tempo do retorno chegou. O *Retour de guyane* de Damas (1938), e o *Cahier d'un retour au pays natal* de Césaire (1939) certamente não são títulos casuais.

Aquilo que Fanon chamou segunda fase do autor colonizado, a fase de despertar e recordar, irrompe; Caliban entra na arena literária e desenvolve na consciência de seu *status* colonizado, bem como na sua identificação com a cor de sua pele, a condição fundamental de qualquer forma original de escrever, que é aceitar a si mesmo, saber-se solidamente enraizado. Como o "salvage and deformed slave" de Shakespeare, que diz para Próspero "You taught me language; and my profit on't/Is, I know how to curse!"³² os autores podem agora sabotar a língua colonial dos dominadores, e maneja-la de forma alternativa. O Caribe sai literariamente da situação periférica ordenada, e assume postura num es-

paço oposto, onde tenta centrar-se de forma nova: literatura de retorno da alienação, literatura de militância, literatura de identidade, literatura negra; rebelião contra Próspero, emancipação de Ariel e sua servidão. Fim para a visão exótica da própria realidade, como Suzanne Césaire formula, contra os idílios regionalistas: "Bambous, nous décrétons la mort de la littérature doudou. Et zut à l'hibiscus, à la frangipane, aux bougainvilliers. La poésie martiniquaise sera cannibale ou ne seras pas."³³ Fim para a assimilação submissa, como apela Aimé Césaire, que com isso coloca na forma correta e indagação de Oruno Lara pela identidade: "La tribu des 'Vieux' dit: 'assimilation', nous répondons réurrection! Que veut la jeunesse Noire? Vivre. Mais pour vivre vraiment, il faut rester soi."³⁴ Os autores-caliban aparecem na consciência de uma "violence cannibale"³⁵ para abrirem caminho pelo discursos imperante sem perda de identidade, e lançar-se no caminho de uma renovação no campo da revolução cultural.

A nova fase da literatura caribiana de língua francesa no começo está inteiramente à sombra de Aimé Césaire, que durante sua estada em Paris nos anos trinta esboça, juntamente com Léopold S. Senghor, a transcendente doutrina da Negritude, e que fornece, no longo poema *Cahier d'un retour au pays natal* (1939), o manifesto poético da identidade-caliban negra. O 'Cahier...' entusiasticamente celebrado por Breton e Sartre, noje fazendo parte dos textos básicos do movimento negro, é característico da dialética poética de situações emocionais-limite na obra geral de Césaire: o poeta atravessa o inferno inteiro da miséria presente e passada de sua raça, e por fim celebra seu renascimento apoteótico na dança da liberdade. Com isso rompe as forças da assimilação européias, encontra-se a si mesmo e enraíza-se finalmente no reconhecimento absoluto do próprio país. Césaire simula aqui, poeticamente, a adoção da identidade negra, que ele encora no conceito de Negritude tão variadamente usado.

A Negritude é primeiramente uma postura de necessária afirmação de si mesmo, que constata a oprimida mentalidade coletiva do negro, e gostaria de libertá-lo dos padrões interiorizados da discriminação branca. Desse ponto de partida, a doutrina sobe à altura de uma visão abrangente do mundo, de onde então

Glissant, na sua crítica sobre a falha concretude da doutrina de Negritude, acrescenta: "mais ce que je veux dire tout de suite, c'est qu'il était nécessaire que nous passions par là."³⁹ A necessidade de auto-afirmação de Caliban e sua recusa mais ou menos militante de assimilação foram desde então um mínimo denominador a partir do qual é estimulada a problematização das relações franco-caribianas, bem como a conceitualização adequada da realidade caribiana.

A literatura caribiana de língua francesa recebe desde os anos quarenta um forte impulso de evolução, e expande-se varidamente entre duas posições fundamentais. Uns autores ainda esperam o liberalismo francês, a mudança da França, e querem colaborar para isso com uma detalhada descrição de seus problemas próprios e originais. Entre eles, Joseph Zobel, que em seus dois romances, *Diab'là* (1945) e *Les jours immobiles* (1946), descreve a vida das pessoas simples nas aldeias da costa da Martinica, antes de, em *La rue Cases-Nègres* (1950) e *La fête à Paris* (1953) acompanhar por escrito seu próprio processo de ascensão e aproximação com a Metrópole; pertencem a esse grupo também autores tão diferentes como Raphaël Tardon, com seu ponto de vista humanista na tradição de Schoelcher, e Michèle Lacroisil, que em seus romances pesquisa intensamente os efeitos fatais do complexo racial na psicologia do homem de cor. Nos outros autores domina a agressividade anticolonialista, a confiança na militância dos colonizados e suas capacidades de autolibertação. Entre eles está Bertène Juminer, que evolui da problematização individual das relações raciais para perspectivas combativas na tradição das revoltas de escravos; entre eles deve-se contar também Frantz Fanon, que passa do olhar clínico sobre as neuroses das relações raciais para uma teoria geral anticolonialista de libertação que elabora a partir dos processos revolucionários na África. Daniel Boukman, Vincent Placolý, Edouard Glissant e outros poderiam ser anexados ao grupo.

Não importa que perspectiva os autores assumem, em todos sente-se um desconforto geral por uma situação bloqueada que não poucos resolvem através do auto-exílio. Marcas de exílio aninham-se também no discurso literário. Através de um *blow-up* disfarçado

as obras de um acabam sendo reduzidas a psicológico-individual, as de outro são realisticamente estreitas, as do terceiro generalizantes. Também na era de Caliban e literatura sofre de um tradicional mal do Caribe, que Edouard Glissant abrangeria no conceito de "détour",⁴⁰ isto é, a tendência a contornar a própria realidade, enraizar-se num "aqui" artificial, ou num "ali" parcialmente imaginado. A maioria dos autores encontra seu lugar político-cultural no movimento geral de emancipação negra, conforme se vê, por exemplo, na função da revista "Présence Africaine" (1947), no debate em torno da poesia nacional (1955 ss), bem como em dois congressos de escritores negros (Paris, 1956, e Roma, 1959), nos quais participam inúmeros autores do Caribe de língua francesa. Também a crítica ratifica a especificidade caribiana que falta: insere as obras do Caribe de língua francesa indiferentemente num terreno superior, e na verdade até os anos 70 fala apenas de 'littérature noire', 'littérature nègre', 'littérature Néó-africaine', ou 'littérature négro-africaine'. A caribianização da literatura do Caribe ainda estava por ser efetuar.

6. "ANTILHANTÉ" OU: O CENTRO EM NÓS MESMOS

A vitalidade literária dos territórios franceses do Caribe durante as três últimas décadas contrasta em extremo com as condições precárias gerais. Michel Leiris retorna nos anos 40 com uma "impression de cauchemar" a respeito desse "tableau de honte et de misère";⁴¹ hoje em dia, um presidente da Assembléia Nacional em apenas alguns dias percebe os "efeitos perversos" da política de pós-guerra francesa no Caribe francês.⁴² A departamentalização de 1946, tão apoiada por Césaire, não cumpriu o que seus seguidores caribianos esperavam, ainda não foi possível concretizar esforços mais amplos de independência; a circulação econômica interna nos territórios foi quase totalmente tolhida em favor de uma economia de troca de serviços por créditos, dependendo absolutamente da Metrópole, até na provisão de víveres; a assimilação acelerada, a veloz modernização segundo padrões industriais, comerciais e especialmente turísticos das sociedades de consumo

ocidentais, apenas pioraram as rupturas internas. Os territórios franceses do Caribe apresentam-se hoje no estado precário de uma "société bloquée" que também tem efeitos sobre a literatura. A terceira fase mencionada por Fanon, a fase revolucionária do escritor colonizado, nunca aconteceu no Caribe francês, porque a situação por lá jamais urgiu uma solução revolucionária. Em compensação, na crítica interna contra as generalizações falsas da doutrina de Negritude, aguçou-se a visão literária.

"'Antilhanidade' chama-se a nova programática literária que pretende fazer valer todas as raízes culturais do Caribe igualmente, e que com isso se dirige tanto contra a ideologia de assimilação de "peau noire, masques blancs"⁴³ como contra a ideologia da negrificação da "peau noître", "masque africain".⁴⁴ Caliban liberta-se de sua obsessiva fixação de proveniência colonial, e elabora a consciência de sua identidade especificamente caribiana. A literatura torna-se mais concreta e mais radical, assim como as convicções políticas de seus autores. Paul Nizer, Edouard Glissant, Daniel Boukman, Vincent Placol, Daniel Maximin e outros, são todos partidários da independência dos territórios franceses do Caribe, e seguidores de um anticolonialismo militante, como por exemplo mostra o efêmero 'Front Antillo-Guyanais pour l'Indépendencé (1961) desfeito pelo governo francês. Os autores despediram-se do privilégio do conceito raça, e agora sublinham os conceitos Povo e Nação. Seu envoltório de realidade não está mais submetido à pressão da legitimação de uma doutrina cultural racial, mas pode-se articular historicamente, e enraizar a identidade caribiana numa história geral (de sofrimento), com resultado sincrético. Mas, especialmente, eles mantêm a convicção de que o sincretismo caribiano é sobretudo tarefa, projeto nacional e cultural, e que agora trata-se de desenvolver na Martinica, Guadalupe e Guiana uma cultura e literatura caribianas que existem de forma elementar: literatura de autopesquisa, literatura do adeus às ilusões, literatura de abertura, literatura do sincretismo, literatura caribiana.

O projeto literário de Antilhanidade liga-se essencialmente a um autor, que hoje é dos mais multifacetados e produtivos do Caribe de língua francesa: Edouard Glissant da Martinica, com

uma obra que tenta mensurar a dimensão caribiana de sua ilha natal de maneira abrangente, e começa a desenhar, com indagações sempre novas, os contornos de uma forma de escrever original. Depois das primeiras experiências com uma Paris contrastivamente vivenciada, e as primeiras tentativas de poetização da pátria, Glissant esboça uma *Poética da Relação*,⁴⁵ que situa literariamente o espaço caribiano tendo em vista uma transformação universal que realmente está ocorrendo, e que poderia ser modelar até para uma poética do Terceiro Mundo. Por muito tempo, o mundo foi apenas aquilo que a Europa considerava mundo: mundo como expansão da singularidade europeia à validade universal, mundo como unidade de forçada adaptação a um Centro. Com as lutas de libertação colonial, os povos colonizados impuseram-se no mundo como resistência do diverso contra o unificador, e com sua exigência de participar estimularam também uma nova maneira de se pensar o mundo: mundo como aceitação da diferença, como trama de múltiplas relações, em que cada cultura tem direito à sua singularidade, e ao mesmo tempo consegue vivê-la como relação sempre singular com o Outro. Glissant convoca a literatura a realizar a desmontagem do unitário e a formação da múltiplo, isto é, na consciência do global, enraizar-se profundamente no local. Ao diagnosticar a Martinica, Glissant parte de uma pertinente análise da sociedade alienada, que deve toda a sua evolução unicamente às determinações de fora, e que não interiorizou, como propriedade sua, nem espaço, nem tempo, nem grupo social. Contra a expropriação, Glissant opõe o direito de participação, e exige independência política e econômica, reorganização social e integração de uma Martinica renovada pela revolução cultural no ambiente natural da civilização caribiana. E é a esse programa que ele submete a produção literária. Para que haja uma apropriação real da ilha, Glissant faz um paralelismo da situação caribiana extremamente complexa com um texto igualmente complexo, que elabora como ponto de convergência de três poéticas: 1) "poétique de la démesure": nesse caso, o texto é expressivo, e mostra como vive realmente uma sociedade caribiana contemporânea, de maneira desmedida, até delirante, na sua realidade espaço-temporal; 2) "contre-poétique": nesse caso, o texto é crítico,

opõe-se aos discursos dominantes europeus, bem como aos discursos alienados caribianos; 3) "poétique naturelle": nesse caso, o texto é uma descrição constituinte, e antecipa uma comunidade liberada. A fusão literária do que é, do-que-não-é, do-que-deveria-ser no programa da Antilhanidade, torna caducas as fronteiras entre poeta, romancista, lingüista, historiador, etnólogo, etc., bem como as fronteiras vigentes de gêneros. O texto de Glissant apóia-se em todos esses terrenos, para formar o (difusamente) vivido, e elaborá-lo numa apropriação duradoura.

O próprio Glissant concretizou mais amplamente seu programa em seus quatro romances,⁴⁶ que se atrevem a entrar no (sub) consciente coletivo, e, de lá recuperar elementos importantes para agir contra o princípio colonialista de desapropriação e olvido. Os romances elaboram uma reconstrução geográfica que lê a paisagem no sentido de um destino humano que lhe seja inerente, e dá-lhe forma literária; os romances realizam uma reconstrução histórica, abrangendo a totalidade do tempo, desde o início africano, a partir de um perspectiva centrada na Martinica, mas sem

esquecer de mostrar a problematização dessa reconstrução histórica, entre vencedores e vencidos; os romances fazem uma reconstrução lingüística, oralizando a escritura (francesa), partindo de premissas do 'créole', para formar, com a importada 'langue européenne', um adequado 'langage antillais'. A reorganização literária do universo caribiano sob augúrios caribianos já se iniciou.

Com a programática da Antilhanidade, a "longue durée" da história literária do Caribe vai chegando ao fim; depois que o discurso foi furtado e europeizado, é paulatinamente recuperado, e por fim caribianizado. As correspondências materiais (ainda) não existem, e os fatos da infra-estrutura literária (ainda) estão "pervertidos": os autores caribianos têm, agora como antes, nacionalidade francesa, hoje como ontem são na maior parte editados na França, agora como antes muitos deles vivem na metrópole francesa, e também têm presentes no projeto Antilhanidade os "lecteurs d'ailleurs".⁴⁷ Mas essa situação historicamente adulta já não está mais na base da poética, o discurso literário adianta-se à realidade. Não considera mais seu lugar como a periferia, região

ou um contra-espço, mas o define como seu próprio centro, e desse enraizamento abre-se para seu ambiente circundante natural, e, mais além, para o mundo. O discurso de Antilhanidade é central a si mesmo. Com isso consegue algo que nem a ideologia conciliadora da assimilação, nem a obsessão de retorno da Negritude alcançaram: ele se autonomiza tendenciosamente. Só agora torna-se possível o retorno, só agora a viagem de descobrimento pode ser concluída, e levar a um descobrimento real, isto é, recíproco, pois só agora também a Europa fica além-mar. No fim do romance de Glissant, *La lézarde* (1958), que trata da campanha eleitoral de um grupo político na Martinica dos anos 40, a exigência de descobrimento inverso é enviada para seu caminho literário. O grupo político de protagonistas encarrega o eu-do-autor que viaja para a França de escrever a história de sua luta, e divulgá-la na França: "Dis que nous disions: là-bas le Centre, pour dire la France. Mais que nous voulons d'abord être en paix avec nous-mêmes. Que le Centre, il est en nous, et que c'est là que nous l'avons cherché."⁴⁸

NOTAS

1. cp. Frantz Fanon: *Peau noire, masques blancs*, (Paris, 1952); F.F.: *Sociologie d'une révolution*, (Paris, 1959); F.F.: *Les damnés de la terre*, (Paris, 1961); F.F.: *Pour la révolution africaine*, (Paris, 1964).
2. Cp. Frantz Fanon: *Les damnés de la terre*, (Paris, 1968), p. 153ss.
3. René Depestre: *Bonjour et adieu à la négritude*, (Paris, 1980), p. 107, 123, 131.
4. Aimé Césaire: *Une Tempête*, (Paris, 1969).
5. Cp. *Diario de Colón I*, introdução de Carlos Sanz, (Madrid, Editorial Revista Geográfica española, Nr. 62, s.d.), registro de 11/12 out. 1492, p. 48, sobre o primeiro encontro com os nativos, bem como registro de 25. nov., p. 92ss, sobre a aproveitabilidade das madeiras tropicais.
6. Cp. Régis Antoine: *Les écrivains français et les Antilles*, (Paris, 1978).
7. Jacques Bouton: *Relation de l'établissement des François depuis l'an 1635 en l'isle de la martinique...* (Paris, 1640), p. 31ss.
8. Charles de Rochemont: *Histoire naturelle et morale des îles Antilles de l'Amérique* (Rotterdam, 1658), p.47ss. (Essa obra também é a tribu da a Jean-Baptiste Du Tertre).

9. Assim escreve por exemplo Bouton, op. cit., p.83, depois de breve descrição da cana-de-açúcar: "Quand les moulins seront faits, cette isle sera plus considérable que par le passé." Também P. Raymond Breton, que formula a exploração naturalista precisa da fauna e flora como tarefa mais urgente, recomenda a cana-de-açúcar como excelente fonte de lucros, op.: *Relation de l'île de la Guadeloupe...* (1647) in: *Les Caraïbes. La Guadeloupe 1635-1656*, ed. por Joseph Remard (Paris, 1929), p. 44.
10. Jean-Baptiste Du Tertre: *Histoire Générale des îles de Saint Christophe, de la Guadeloupe, de la Martinique et autres dans l'Amérique*. (Paris, 1654), capítulo "Des Canes de Sucre: et de la manière qu'on le fait", p. 169 ss.
11. Cp. Jean-Baptiste Labat: *Nouveau voyage aux îles de l'Amérique...* 2 tomes (La Haye, 1724) Tome Premier, Troisième Partie, p. 224-339.
12. Jacques Bouton: *Relation...*, op. cit., p. 28; R. Breton: *Relation de l'île de Guadeloupe*, op. cit., p. 47.
13. Jacques Bouton: *Relation...*, op. cit., p. 28.
14. Jean Baptiste Labat: *Nouveau Voyage...*, op. cit., I. Première Partie, p. 38.
15. Cp. *ibid.* I, Première Partie, p. 166ss.
16. Pacifique de Province: *Relation des îles de Saint-Christophe, Guadeloupe et la Martinique...* (por volta de 1640), citado segundo Régis Antoine: *Les écrivains français et les Antilles*, op. cit., p. 60; cp. também *ibid.*, p. 100; a imagem do Caribe como paraíso encontra-se em todos os relatos de viagem até aqui citados.
17. Nicolas Germain Léonard. *Stances sur le Bois de Romainville. A mon retour de l'Amérique* (póstumo), em: *Œuvres de Léonard, recueillies et publiées Vincent Compenon*, 3 vols. (póstumos), Paris, 1798, vol. 1, p.22.
18. Cit. segundo Jack Corzani: *La littérature des Antilles-Guyane Françaises*, 6 vols. (Fort-de-France, 1978), vol. 1, p. 128. A história literária de Corzani, em seis volumes, é uma façanha de pioneiro.
19. Auguste Prevost de Sansac, Comte de Traversay: *Les amours de Zémédare et Carina* (1806) em: *Romans antillais du XIX^e siècle*, 3 vols, ed. por Auguste Joyau, Morne-Rouge, 1977, vol. 1, p. 16-185.
20. Baudelaire: *L'art romantique* (editado postumamente, 1868), em B: *Curiosités esthétiques. L'Art romantique et autres œuvres critiques*, ed. por Henri Lemaître, (Paris, 1962), p. 778, num artigo sobre Leconte de Lisle, de 1861.
21. Rosemond de Beauvallon: *La charmeuse* (1885) in R.D.B.: *Hier! Aujourd' hui! Demain!* ou *Les Agonies Créoles* (Paris, 1885), p. 321 ss.
22. Oruno Lara: *La littérature antillaise*, (Paris, 1913), p. 130.
23. *Ibid.*, p. 142.
24. Jack Corzani: *La Littérature des Antilles-Guyane Françaises*, op. cit., vol. II, p. 73. René Ménil caracteriza corretamente a mentalidade coletiva através da literatura exotizante como "L'âme-de-l'autre-métropolitaine" com as seguintes deduções sociopsicológicas: "D'où la dépersonnalisation et l'aliénation. Je me vois étranger, je me vois exotique, pourquoi? Parce que 'je', c'est la conscience, l'autre, c'est moi. Je suis 'exotique-pour-moi', parce que mon regard sur moi c'est le regard du blanc devenu mien après trois siècles de conditionnement colonial", em R.M.: *Tracées*, (Paris, 1981), p. 19.
25. Victor Duquesnay: *Pour la France* (1895), reproduzido em René Bonneville (editor): *Fleurs des Antilles*, (Paris, 1900), p. 19ss.
26. Daniel Thaly: *Chants de l'Atlantique suivis de Sous le ciel des Antilles*, (Paris, 1928), p. 124.
27. Victor Duquesnay: *Madrina* (1890), reproduzido em René Bonneville (editor): *Fleurs des Antilles*, op. cit., p. 33ss.
28. Oruno Lara, em *La Guadeloupe Littérale*, 18.02.1912, cit. segundo Régis: *Les écrivains français et les Antilles*, op. cit., p. 322.
29. *Légitime Défense*, nº 1/1º de junho de 1932, editorial sem título, assinado por: Etienne Léro, Théus Léro, René Ménil, Jules-Marcel Monnerot, Michel Pilotin, Maurice-Sabes Qultman, Auguste Thésée, Pierre Yoyotte; reproduzido em edição reprint por Editions Jean-Michel Place, Paris, 1979, p. 2.
30. *Ide*, Etienne Léro, *ibid.*, p. 11 e René Ménil, *ibid.*, p. 7.
31. *Ibid.*, p. 14.
32. Shakespeare: *The Tempest* (1610/1611), em: *The Arden Shakespeare*, ed. por Frank Kermode (Lodon/Nova Iorque, reimpresso, 1980), *ibid.*, Act I, cena II, 365ss., p. 33.
33. Suzanne Césaire: *Misère d'une poésie* — Jonh Antoine-Nau, em *Tropiques*, nº 4, jan. 1942 (Fort-de-France), p. 50.
34. Aimé Césaire: *Négreries*, an: *L'étudiant noir*, Março, 1935, cit. segundo Jean Padoifi: *De Légitime Défense à Tropiques*—invitation à la découverte, em: *Europe*, 5º anée, nro. 612/abril 1980, p.101.
35. Aimé Césaire: *Le cannibale s'est tassé*, por Anne Guérin, em: *L'Express*, 19 maio 1960, p.35.
36. Jean-Paul Sartre: *Ophee Noir*, un Léopold Sédar Senghor (editor): *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française*, 1948, (Paris, 3.ed., 1972), p. XIV e XL. René Menil cunha, certamente por analogia com Sartre, para o mesmo fato, o conceito "exotisme contra-exotique", em R.M.: *Tracées*, op. cit., p. 22.
37. René Depestre: *Bonjour et Adieu à la Négritude*, op. cit., p.62ss.
38. Adotevi: *Négritude et Négrologues*, (Paris, 1972), p.119.
39. Wolfgang Bader: *Poétique antillaise, poétique de la relation*. Entrevista com Edouard Glissant, em: *Komparatistische Hefte*, 9-10/1984, p.90.
40. Edouard Glissant: *Le discours antillais*, (Paris, 1981), cap. 12: "Le retour et le détour", p. 28ss.
41. Michel Leiris: *Martinique, Guadeloupe, Haïti*, em: *Les Temps Modernes*, 52/19, p. 1.365 e 1.366.
42. Cp. para isso Laurent Zecchini: *Le séjour de M. Mermaz à la Martinique et à la Guadeloupe*, em: *Le Monde*, 17.12.1982, p. 11.
43. Igualmente o livro de mesmo nome, de Frantz Fanon, para isso cp. Anm. 1.
44. Roger Toumson: *La littérature antillaise d'expression française*, em: *Présence Africaine*, nº 121-122/1º e 2º trim. 1982, p.133.
45. As melhores explicações sobre esse conceito encontram-se em Glissant: *L'intention poétique* (Paris, 1969), bem como em Glissant: *Le discours antillais*, op. cit., p. 189.
46. La Lézarde (Paris, 1958); *Le Quatrième Siècle* (Paris, 1964); *Malemort* (Paris, 1975); *La case du commandeur* (Paris, 1981).
47. Edouard Glissant, *Malemort*, op. cit., introdução do Glossário, p. 231; lá diz-se ainda: "Les lecteurs d'ici sont futurs."
48. Edouard Glissant: *La Lézarde*, op. cit., p. 227.